

Cristiane Horst, Marcelo J. Krug, Joachim Steffen

Plurilinguismo e Contatos Linguísticos



10 anos do
Grupo Atlas das
Línguas em
Contato na
Fronteira (ALCF)

Plurilinguismo e Contatos Linguísticos

10 anos do grupo Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (ALCF)

Cristiane Horst, Marcelo Jacó Krug, Joachim Steffen

Plurilinguismo e Contatos Linguísticos

**10 anos do grupo Atlas das Línguas em Contato na
Fronteira (ALCF)**

Para citar esta publicação, utilize por favor este link:

<https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:bvb:384-opus4-1188624>

Informação bibliográfica da Biblioteca Nacional Alemã:

A Biblioteca Nacional Alemã registra esta publicação na Bibliografia Nacional Alemã; dados bibliográficos detalhados estão disponíveis na Internet em dnb.dnb.de.

O volume completo é publicado pelos editores em Acesso Aberto sob a licença CC-BY-NC 4.0 e editado e disponibilizado por meio do repositório OPUS da Universidade de Augsburg. Todas as citações de textos e imagens estão protegidas por direitos autorais. Todos os direitos, incluindo reprodução, publicação, edição e tradução, estão reservados.

© 2025

Cristiane Horst, Marcelo J. Krug, Joachim Steffen

Produção e Editora: BoD – Books on Demand, Norderstedt

A publicação foi apoiada com recursos da Universidade de Augsburg.

A ilustração da capa apresenta um recorte da região abordada no livro, com base em um mapa do cartógrafo Jean-Baptiste Bourguignon d’Anville, datado de 1733.

ISBN: 9783769377651

Sumário

Cléo V. Altenhofen

Prefácio 1

Felício Wessling Margotti

Contribuições da língua italiana na formação do português no sul do Brasil 5

Martina Steffen

A situação sociolinguística na região fronteira de Misiones (Argentina-Brasil):

Observações a partir de levantamentos preliminares para o ‘Atlas das línguas em contato na fronteira’ 29

Cristiane Horst, Celina Eliane Frizzo, Ana Elizabete Fornara, Marcelo Jacó Krug

Por uma educação plurilinguística – reflexões sobre trabalho com a diversidade linguística na escola: um olhar para a BNCC 49

Edenize Ponzó Peres, Marco Antônio de Oliveira

Panorama dos estudos de contato entre o português e as línguas italianas de imigração no Espírito Santo 75

Ediene Pena Ferreira, Marco Antônio de Oliveira

Diversidade linguística no oeste paraense: o perfil dos alunos indígenas da Universidade Federal do Oeste do Pará 95

Joachim Steffen, Marcelo Jacó Krug

Gramaticalização induzida por contato linguístico: o caso de algumas partículas modais nas variedades de bilíngues no Sul do Brasil 111

Simone de Sousa Naedzold, Antonio Carlos Santana de Souza

Considerações sobre atlas linguísticos: a constituição linguística dos falares do/no Brasil 129

Neusa Inês Philippsen

Siclano ou sicrano: variante linguística motivada por assimilação ou preconceito linguístico? 151

Sanimar Busse

Crenças e atitudes linguísticas: o encontro de línguas e falares no oeste do Paraná..... 177

Rayani Andressa da Cruz Oliveira, Cristiane Schmidt

Desafios do ensino de variação linguística em tempos de pandemia da covid-19:
revisitando algumas sugestões pedagógicas..... 195

Sobre os autores 215

Contribuições da língua italiana na formação do português no sul do Brasil

Felício Wessling Margotti
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

1. Introdução

No final do século XIX, entre as comunidades rurais na Itália, a palavra de ordem era “*andare in Mérica*”. De Rosa (1987 apud SANTOS, 1999), com base nas estatísticas de entrada de imigrantes nos portos do Rio de Janeiro e de Santos/SP, informa que, no período de 1820 a 1908, entraram no Brasil: 1.277.040 italianos, 672.213 portugueses, 303.508 espanhóis, 96.006 alemães, 62.209 austríacos, 60.374 russos, além de contingentes menores de franceses, ingleses, suíços, belgas, suecos e outros, totalizando 2.656.177 imigrantes. O maior número de imigrantes italianos estabeleceu-se em São Paulo, substituindo a mão de obra escrava no cultivo do café. Outros foram para o Espírito Santo e para os estados da Região Sul. As estatísticas da época apontam que, entre 1875 e 1914, estabeleceram-se no Rio Grande do Sul “entre 80 a 100 mil italianos” (DE BONI; COSTA, 1984, p. 68), vindos, sobretudo, da Lombardia, do Vêneto e de Trento. De acordo com Radin (2020, p. 63), em 1900 os italianos em Santa Catarina eram cerca de 320 mil; no Paraná, eram cerca de 18 mil.

De tais informações, deduz-se que a colonização italiana nos três estados meridionais do Brasil representou forte impacto na ocupação do território e na economia, inicialmente com atividades primárias (agropecuária e extrativismo) em áreas antes desabitadas e, ao longo do tempo, com a formação de pequenos e grandes núcleos urbanos, nos quais aos poucos se desenvolveram atividades secundárias e terciárias (indústria, comércio e serviços). Esses imigrantes, inicialmente situados em áreas relativamente bem definidas no meio da mata atlântica, entre o mar e as encostas da Serra Geral, aqui se multiplicaram e atualmente seus descendentes não só migraram para ocupar novas terras no norte e noroeste do Rio Grande do Sul, oeste e sudoeste do Paraná e além, mas também se mesclaram a outros grupos étnicos, tanto no sul quanto em outros estados do Brasil.

Esse influxo de imigrantes europeus, principalmente de italianos e alemães, também desenhou um cenário cultural peculiar que se preserva em grande parte, representado pelas línguas ainda aqui faladas, como o “Talian” e o “Hunsrückisch”, entre outras. Historicamente, nos assentamentos de imigrantes europeus falavam-se somente as línguas de origem étnica, embora nem sempre as comunidades fossem linguisticamente homogêneas. O mais frequente, aliás, era a existência de diferentes variedades dialetais em contato. Todavia, à medida que tais populações de imigrantes foram se integrando ao novo meio, iniciaram a aquisição do português como segunda língua. E, em sendo bilíngues, usavam o português como língua de interação com o meio externo e a língua de seus ancestrais nas comunicações familiares e comunitárias. Por fim, já nas terceiras e quartas gerações em diante, quando os pais, por razões diversas, deixaram de transmitir as línguas dos grupos étnicos a seus filhos, tais línguas começaram a passar pelo processo de regressão e progressiva mortandade, de tal modo que parte das novas gerações ou são de bilíngues passivos – entendem em algum grau a língua de seus antepassados –, ou são totalmente monolíngues em português, excetuando-se os eventuais casos de aprendizagem ou aquisição linguística por meio de outras condições.

Em se tratando mais especificamente dos “dialetos italianos”, na maioria das vezes, referidos simplesmente como “língua italiana”, tema deste trabalho, considera-se que a expressão “dialetos italianos” tanto se refere aos grupos dialetais presentes no Sul do Brasil (vêneto, lombardo, friulano e trentino), quanto aos subgrupos (grupo vêneto: feltrino-belunês, paduano, rovigoto, trevisano, veronês, vicentino; grupo lombardo: bergamasco, cremonês, mantuano, milanês; grupo trentino: trentino; grupo friulano: friulano) e às variedades em contato. A respeito das diferenças e semelhanças entre os diferentes dialetos italianos, especialmente aqueles falados pelos imigrantes italianos do Sul do Brasil, vejamos Bunse (1975), Frosi e Mioranza (1983), entre outros.

Na atualidade, o maior ou menor grau de manutenção da língua italiana varia de um lugar para outro e, nos casos em que ainda se verificam situações de uso cotidiano dessa língua de imigrantes juntamente com o português, os estudos têm revelado que a língua étnica afastou-se significativamente da língua trazida pelos primeiros imigrantes, constituindo-se numa variedade com características próprias.

Essa constatação não é nova. Bunse (1975), ao confrontar material etnolinguístico sobre o viticultor e a vitivinicultura na Antiga Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul (Caxias do Sul, São Marcos, Farroupilha, Garibaldi, Bento Gonçalves, Flores da Cunha, Antônio Prado, Nova Prata e Veranópolis) com o Atlas Linguístico e Etnográfico da Itália e da Suíça (A. I. S.), concluiu que os dialetos falados na referida região brasileira “apresentam as características fonológicas, morfológicas, sintáticas e lexicais dos dialetos

do norte da Itália” (p. 67). Constatou, ainda, que predomina o dialeto vêneto, fundido com elementos de outros dialetos setentrionais italianos, constituindo uma coiné dialetal, principalmente sob o ponto de vista lexical, mas prevalecendo a fonologia do vêneto. Essa coiné, que resultou da fusão de dois grupos linguísticos mais representativos (vêneto e lombardo) em contato com outras variedades, tornou-se o instrumento linguístico de interação entre as diversas comunidades ítalo-brasileiras, tanto no convívio familiar quanto no relacionamento social.

O surgimento dessa coiné veneta deu-se por causa do modelo de ocupação dos lotes das colônias (parcela de terra equivalente a vinte quatro hectares), uma vez que no assentamento dos colonos não foi levado em conta o critério etnolinguístico. As levas de imigrantes italianos eram em geral mistas, provenientes de diferentes províncias e, portanto, compostas por falantes de dialetos diversos, mas os vênetos, que eram em maior quantidade – os números giram em torno de 60% –, irradiaram com maior intensidade seu dialeto e seus costumes. Esse contato do vêneto com diferentes dialetos italianos no Sul do Brasil, especialmente o lombardo, deu origem a um modo de falar característico e bastante peculiar, denominado coiné vêneta, que foi registrada em 2014 no Inventário Nacional da Diversidade Linguística como língua *Talian* (italiano brasileiro). O *Talian* é uma das autodenominações para a língua de imigração/língua de herança falada no Brasil por descendentes de italianos, formada pelo contato linguístico com dialetos setentrionais das regiões do Trentino-Alto Adige, Friuli Venezia Giulia, Piemonte, Lombardia, Emília-Romanha e Ligúria em contato com o português brasileiro (cf. LOGERIAN-PENKAL, 2020 apud LUZZATTO, 1994).

2. Português de contato com o italiano

2.1 Do passado para o presente

Os dialetos trazidos da Itália sofreram aqui processos de nivelamento linguístico (*Sprachausgleich*), no contato interdialeto, e acabaram sendo, em parte, assimilados pela língua oficial. Em vista desse processo, nas áreas de contato do português com as variedades dialetais trazidas pelos imigrantes italianos, por exemplo, o português vernacular apresenta uma série de traços peculiares que o caracterizam como variedade específica atestada por diversos estudos acadêmicos e que são percebidos em parte também pelos falantes em contato, sejam de origem italiana ou não.

O assentamento dos imigrantes italianos em áreas mais ou menos delimitadas, cobertas originalmente por densas florestas (BUNSE, 1978, p. 13) nas colônias velhas, bem como a migração para colônias novas (imigração interna), contribuíram para o surgimento dessa variedade de língua portuguesa – ou “brasileira”, como dizem os ítalo-brasileiros – com características próprias, proveniente “das especificidades linguísticas de seus falantes e das condições de aprendizagem da língua oficial do Brasil” (ALTENHOFEN, 2002, p. 131).

Estudos sobre a diversidade dialetal em regiões de colonização italiana no sul do Brasil revelam que, nos centros urbanos maiores, a fala dialetal cedeu lugar à língua portuguesa; nos centros urbanos menores, o dialeto italiano está sendo relegado em favor da língua portuguesa, especialmente entre pessoas de menos idade; nas comunidades rurais, os dialetos ainda persistem, porém com nivelamento bastante acentuado no âmbito dos próprios dialetos e também com influências da língua portuguesa. (MARGOTTI, 2004, p. 2).

A rigor, os fatos apontam para o gradativo desaparecimento da fala dialetal italiana, embora ainda se faça presente em muitas comunidades – principalmente naquelas mais afastadas dos centros urbanos e com forte presença de ítalo-brasileiros – e, mais especificamente, no seio das famílias dos colonos. Mas, mesmo nesses casos, a fala dialetal italiana é praticamente a fala dos *nonos*, pois os jovens – a maioria dos quais busca, pela formação escolar, oportunidades mais favoráveis de ascensão social – falam, com raras exceções, exclusivamente português.

A regressão do *Talian* tem – portanto – estreita relação com a crescente assimilação linguística e cultural das populações ítalo-brasileiras, associada a atitudes negativas em relação a essa língua e à redução de sua transmissão às novas gerações. De certo modo, especialmente em ambientes urbanos, o *Talian* é visto como língua de “colono grosso”, também denominada de “sotacon”, com a qual os jovens, os urbanos e os mais letrados não mais se identificam, apesar de alguns esforços e medidas para frear, ou mesmo reverter essa tendência.

Na literatura especializada sobre a integração dos italianos ao novo meio nas regiões de colonização no Sul do Brasil, tem-se repetido que os ítalo-brasileiros sentem *vergonha* de falar o dialeto italiano. Da mesma forma, sentem-se constrangidos de falar português tendo em vista a percepção de que *falam mal*, *falam errado*, *falam com sotaque carregado*, ou seja, sentem *vergonha* de assumir sua italianidade [...]. Essa percepção constitui-se em um tipo de preconceito

linguístico, cuja origem remonta sobretudo à Campanha de Nacionalização do Ensino, na década de 30, quando os dialetos italianos, assim como outras línguas de imigrantes, foram proibidos nas escolas, nas igrejas, nos quartéis e em lugares públicos. (MARGOTTI, 2019, p. 363).

Evidência dessa percepção é representada pelo depoimento de um jovem agricultor do interior do município de Caxias do Sul/RS.

Eu tinha vergonha quando, na escola, chamavam a gente... falava em dialeto, muitos chamavam a gente de grosso, era colono, era grosso e... Quem é que fazia isso na escola? Quem não era [colono]. Tinha geralmente os... sempre tinha aqueles que queriam sê mais. Eram italianos, mas que... acham porque eles falavam bem o brasileiro, o português que nós dizemos, eles se achavam que eram superior à gente, porque tinha mais dinheiro, porque eram da cidade, e queriam desmoralizar a gente, assim, por ali, chamando a gente de grosso porque nós falava italiano. (MARGOTTI, 2004, p. 247).

Em período mais recente, à medida que enriqueceram e se urbanizaram, os ítalo-brasileiros buscam se identificar com valores de prestígio, entre os quais o domínio do português-padrão. Falar português sem as marcas de contato com a língua dos ancestrais passou, então, a ser visto como fator de promoção social. Ao mesmo tempo, essa nova classe de italianos "passa a segregar social e linguisticamente os menos favorecidos – o colono – que, ou se comunica através do dialeto italiano e é qualificado como grosso, ou se expressa em português, porém de um modo assaz precário, e torna-se motivo de riso" (FROSI, 1989, p. 61).

Há que se destacar que essa variedade de português de contato com o italiano não costuma ser prestigiada pela escola, nem ela está preparada para isso. Ao contrário, não raro, a escola atua como um vetor de reforço do preconceito

2.2 Distintos olhares acadêmicos sobre os imigrantes italianos e seus descendentes

Os enfoques dos estudos sobre o contato do português com o italiano no sul do Brasil variam conforme os objetivos de cada pesquisa. Assim, há trabalhos cuja preocupação principal é descrever e identificar os traços característicos da língua dos imigrantes e, a

partir dessa descrição, compará-la com a respectiva variedade equivalente à da matriz de origem, na Itália, ou mesmo com outras variedades. Vários desses estudos enfatizaram, como dito antes, a *tese da* existência ou desenvolvimento de uma coíné de base vêneta, modificada pelo contato interdialeto com outras variedades de italiano e interlingual com o português.

Igualmente frequentes se mostram os temas sobre a história da imigração e da colonização italiana e a integração do imigrante italiano ao novo meio, associados às questões relacionadas à língua, à cultura, às atitudes e à identidade, tais como a manutenção e mortandade (substituição) linguística do italiano como língua de imigrantes, o predomínio do uso do italiano ou do português, incluindo aspectos relacionados às *interinfluências linguísticas* (interferências, transferências e empréstimos).

Há também estudos cujo foco é o ensino, tanto de português nas comunidades bilíngues, quanto de italiano para alunos brasileiros.

E, também, há pesquisas direcionadas à *descrição da variação do português em contato com o italiano*, sobretudo de cunho sociolinguístico, mas também geolinguístico. Entre essas pesquisas, citam-se Bunse (1975, 1978), Marquardt (1977), Paviani (1992), Spessatto (2001), Ponso (2003), Margotti (2004), Altenhofen (2008), ALERS (2011, v. 1 e 2), Altenhofen & Margotti (2011), entre outras.

Feitas essas considerações, serão apresentadas a seguir algumas contribuições da língua italiana na formação do português no sul do Brasil, visando caracterizar, em especial, uma variedade de fala que se identifica como português de contato com o italiano.

3. Indicadores linguísticos do português de contato com o italiano

Os pesquisadores do *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS* – tiveram o cuidado de incluir, na definição da rede de pontos de pesquisa, localidades representativas de contato linguístico, tanto de contato do português com línguas de imigrantes, quanto o contato do português com o espanhol, nas fronteiras com o Uruguai, a Argentina e o Paraguai. A justificativa para tal se amparou no fato de que na Região Sul há “presença significativa de elementos provenientes do adstrato de imigrantes europeus e asiáticos” (ALERS, 2011, p. 27), conforme se demonstra nas tabelas 1 e 2.

Tabela 1 – Número de informantes bilíngues do ALERS, de acordo com a segunda língua falada pelo informante, em contato com o português

	Alemão	%	Italiano	%	Polonês	%	Ucraniano	%	Outras	%	Total
PR	2	13,33	8	53,33	1	6,67	3	20,00	1	6,67	15
SC	17	38,64	21	47,73	4	9,09	0	0,00	2	4,55	44
RS	9	36,00	12	48,00	3	12,00	0	0,00	1	4,00	25
Região	28	33,33	41	48,81	8	9,52	3	3,57	4	4,76	84

Fonte: ALERS, 2011, p. 27.

Tabela 2 – Distribuição dos pontos de inquérito do ALERS de acordo com a variável “bilinguismo dos informantes”.

Tipo de ponto de inquérito conforme o bilinguismo	PR	%	SC	%	RS	%	Total
Ponto bilíngue com informante bilíngue	15	15	44	55	25	26,32	84 (30,55%)
Ponto bilíngue com informante monolíngue	62	62	24	30	37	38,95	123 (44,73%)
Ponto monolíngue com informante monolíngue	23	23	12	15	33	34,74	68 (24,73%)
Total de pontos	100		80		95		275 (100%)

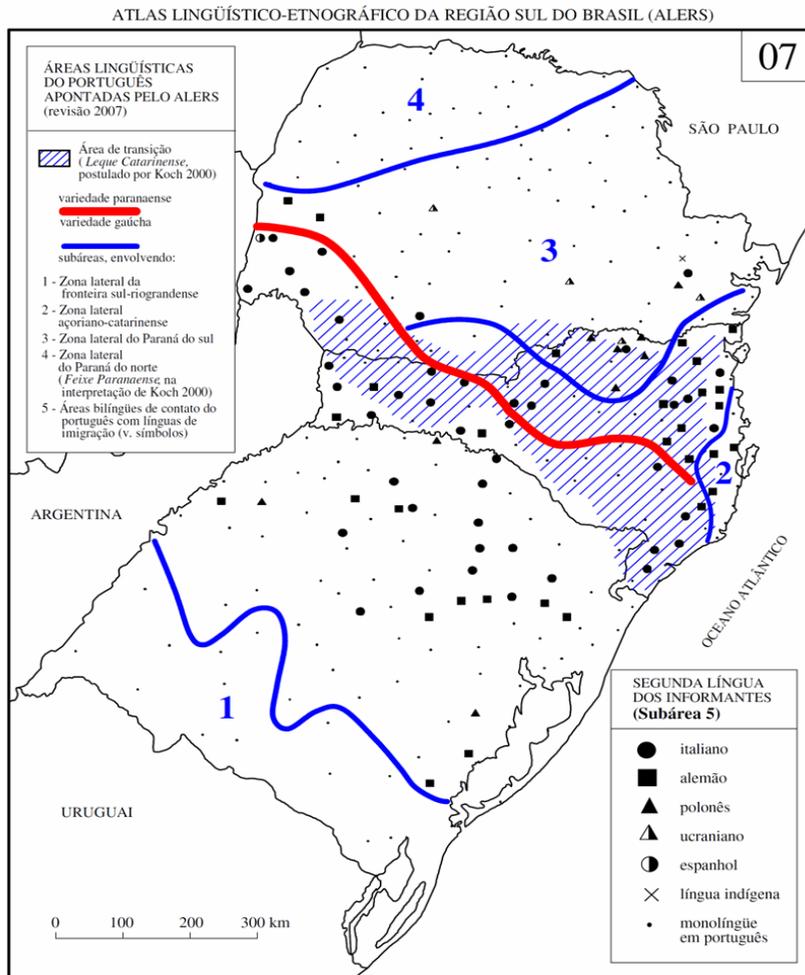
Fonte: ALERS, 2011, p. 28.

O cenário apontado pelas Tabelas 1 e 2, sem que fossem considerados eventuais falantes bilíngues de português e espanhol, notadamente nas áreas fronteiriças com países de língua hispânica, indica a existência de línguas minoritárias em uso no território pesquisado pelo ALERS, conseqüentemente, situações de bilinguismo e contato linguístico. Do total de 275 informantes, 84 deles são bilíngues em diferentes graus. Também fica evidenciado que, dentre eles, os falantes de italiano somam 48,81%, o que representa uma quantidade superior a todos os demais bilíngues de português e outras línguas. Observa-se ainda que, em cerca de 45% dos pontos de pesquisa nos quais também existem falantes bilíngues – embora não seja a maioria da população do lugar –, o informante selecionado para a pesquisa não se reconhece como falante de uma segunda língua.

Com base nas variáveis linguísticas e sociais controladas pelo ALERS, Koch (2000) identificou distintas áreas linguísticas na Região Sul relacionadas ao povoamento (Figura 1). Esse estudo feito por Koch com base em variáveis fonético-fonológicas, foi

posteriormente refinado por Altenhofen (2002), com a incorporação de variáveis morfossintáticas e semântico-lexicais.

Figura 1 – Áreas linguísticas do português apontadas pelo ALERS



MAPA 07 - Áreas linguísticas do português apontadas pelos dados do ALERS

Fonte: ALTENHOFEN; THUN (2016, p. 389).

As áreas bilíngues de contato do português com outra(s) língua(s) estão identificadas na Figura 1. Observa-se que nos pontos em que o informante é falante de uma segunda língua há um símbolo indicando essa língua, incluindo o espanhol. No caso, os bilíngues de português e italiano, foco deste texto, estão situados principalmente na região serrana, norte e noroeste do Rio Grande do Sul, em áreas próximas ao litoral (no Vale do Rio Itajaí e no sul do estado) e centro-oeste de Santa Catarina e sudoeste do Paraná.

3.1 Indicadores fonético-fonológicos

No português, o [R] forte (vibrante alveolar, fricativo velar ou uvular) é um fonema oposto a [R] brando (tepe ou vibrante simples, realizado com um único toque vibratório da ponta da língua junto aos dentes superiores). Desse modo, distingue-se *erra* de *era*, ou *ferro* de *fero*, ou *carro* de *caro*, ou *corre* de *core*, e assim por diante (cf. CÂMARA JR., 1970, p. 17).

No português de contato com o italiano, no entanto, os falantes nem sempre realizam o [R] forte nos contextos em que ele costuma ser realizado no português brasileiro, e isso tem sido percebido como um dos traços (estereótipos) derivados do *Talian* (italiano brasileiro). A explicação histórica para essa diferença está nos dialetos italianos falados nas áreas bilíngues de português/italiano. Nesses dialetos, trazidos do norte da Itália, só existe uma vibrante simples apicodental (cf. FROSI; MIORANZA, 1983, p. 347).

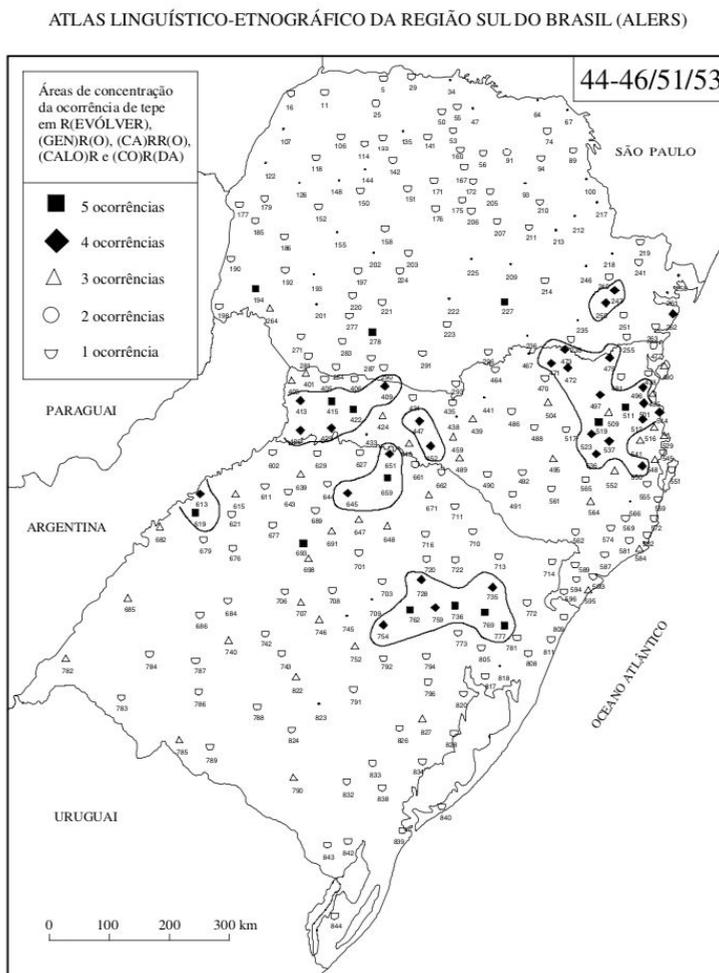
Estudo realizado por Spessato (2001) sobre “as características dialetais dos imigrantes italianos em Chapecó” mostrou que os descendentes de italianos realizam, em início de palavra, o tepe (48% das ocorrências) ou uma variante “intermediária” (24% das ocorrências). E entre vogais, a exemplo de *carro*, *bairro*, *garrafa*, houve registro de 42% de tepe e de 49% da variante “intermediária”. Na realização do denominado rótico “intermediário”, que se situa entre a vibrante múltipla e o tepe, a vibração não ocorre com o ápice da língua nos alvéolos, como na vibrante prototípica do português brasileiro, mas sim com a lâmina da língua.

Pesquisa realizada por Margotti (2004) em oito municípios (quatro no Rio Grande do Sul e quatro em Santa Catarina) sobre o português de contato com o italiano revelou que, em 1.048 dados sobre o [R] em início de vocábulo (*rapaz* e *revólver*, por exemplo), em início de sílaba precedida por consoante (*genro*, por exemplo) e em posição intervocálica (*garrafa* e *chimarrão*, por exemplo), 50% das ocorrências foram de variantes associadas ao português não marcado pelo contato com o italiano, isto é, vibrantes ou fricativas, e 50%

foram de tepe ou aproximante (“intermediária”), variantes essas que caracterizam o português de contato com o italiano.

A carta linguística da Figura 2, publicada pelo ALERS, representa as áreas de concentração das ocorrências de tepe em *revólver*, *genro*, *carro*, *calor* e *corda* na Região Sul.

Figura 2 – Áreas de concentração do [R] fraco, ou tepe, na Região Sul do Brasil

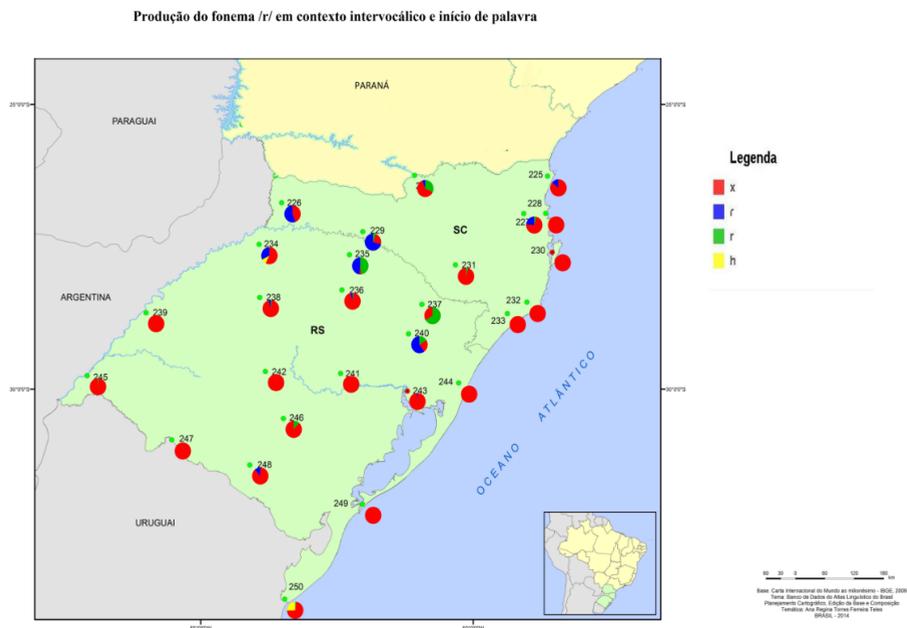


Fonte: ALERS, 2011, v. 1, p. 259.

De acordo com o mapa da Figura 2, os pontos em que há maior concentração de tepe são exatamente aqueles nos quais os ítalo-brasileiros são predominantes, a saber: Serra Gaúcha (Região de Colonização Italiana – RCI), norte e noroeste do Rio Grande do Sul, Vale do rio Itajaí-Açu e imediações, centro-oeste e oeste de Santa Catarina e alguns pontos no sul do Paraná. É de se registrar, todavia, que no sul de Santa Catarina, onde também há concentração de ítalo-brasileiros, foram registradas poucas ocorrências de tepe.

O uso dos róticos no português em contato com o italiano, em início de sílaba e em contextos intervocálicos, no RS e em SC, também foi estudado por Comiotto & Margotti (2019). Para a análise do uso /r/ foram consideradas treze respostas (palavras) obtidas por meio do Questionário Fonético-Fonológico (QFF) do *Atlas Linguístico do Brasil - ALiB*. A realização da variável foi observada em dois contextos: posição intervocálica e início de palavra: ‘terreno’, ‘varrer’, ‘ruim’, ‘arroz’, ‘rosa’, ‘rato’, ‘remando’, ‘real/reais’, ‘borracha’, ‘rasgar’, ‘correio’, ‘sorriso’, ‘morreu’. Os resultados foram cartografados, conforme se observa na Figura 3.

Figura 3 – Uso dos róticos no português em contato com o italiano em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul



Fonte: COMIOTTO; MARGOTTI, 2019, p. 4.

Conforme consta na Figura 3, há o predomínio do uso da fricativa velar [x] nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, porém nas regiões de contato com o dialeto italiano, representado pelos pontos 226 – São Miguel do Oeste (SC), 229 – Concórdia (SC), 235 – Erechim (RS), 240 – Flores da Cunha (RS), registram-se as variantes r-forte [r] e principalmente tepe [r]. Além dos quatro pontos, a cidade de Criciúma, representada pelo ponto 233, também recebeu imigrantes italianos. Entretanto, as marcas típicas do contato entre o português e falares do dialeto italiano não foram observadas nos dados, apenas a fricativa velar [x], realidade que já havia sido indicada pelo ALERS (ver Figura 2).

Além da realização do tepe [r] em ataque de sílaba inicial e entre vogais nas localidades de colonização predominantemente italiana, essa variante também foi documentada em outras localidades, a saber: 224 – Porto União (SC), 225 – São Francisco do Sul (SC), 227 – Blumenau (SC), 236 – Passo (RS), 238 – Ijuí (RS), 243 – Porto Alegre (RS), 248 – Bagé e 245 – Uruguaiana (RS). Dentre essas localidades, a que apresentou maior índice de tepe

[r] foi Blumenau (SC), onde existe o contato do português com o alemão, o que sinaliza que o contato com a língua alemã também contribui para a realização do [R] fraco em contextos nos quais é esperada a realização do [R] forte.

Outra variável fonético-fonológica prototípica do português de contato com o italiano é a redução do ditongo final [-ão]. Sabe-se que na língua italiana inexistente esse ditongo e, por isso, os ítalo-brasileiros eventualmente não o realizam, mas mantêm a nasalização da vogal, substituindo o segmento [-ão] por [-õ]: *verON* > *verão*, *coraçON* > *coração*, *fogON* > *fogão*, *cerraçON* > *cerração*, limão > *limON*.

Em estudo realizado por Tomiello (2005) sobre o uso variável do ditongo [-ão] em zona rural do município de São Marcos/RS, onde os falantes bilíngues irrestritos de italiano-português são os mais idosos e os semirrestritos são os mais jovens, verificou-se forte influência das variáveis sociais idade, escolaridade e sexo nos resultados. Em relação à idade dos falantes, os resultados sobre a redução do ditongo nasal final [-ão] foram: de 15 a 25 anos, 20%; de 30 a 45 anos, 44%; de 50 anos ou mais, 73%. Em média, o percentual de ocorrências da redução do referido ditongo ficou em 46%.

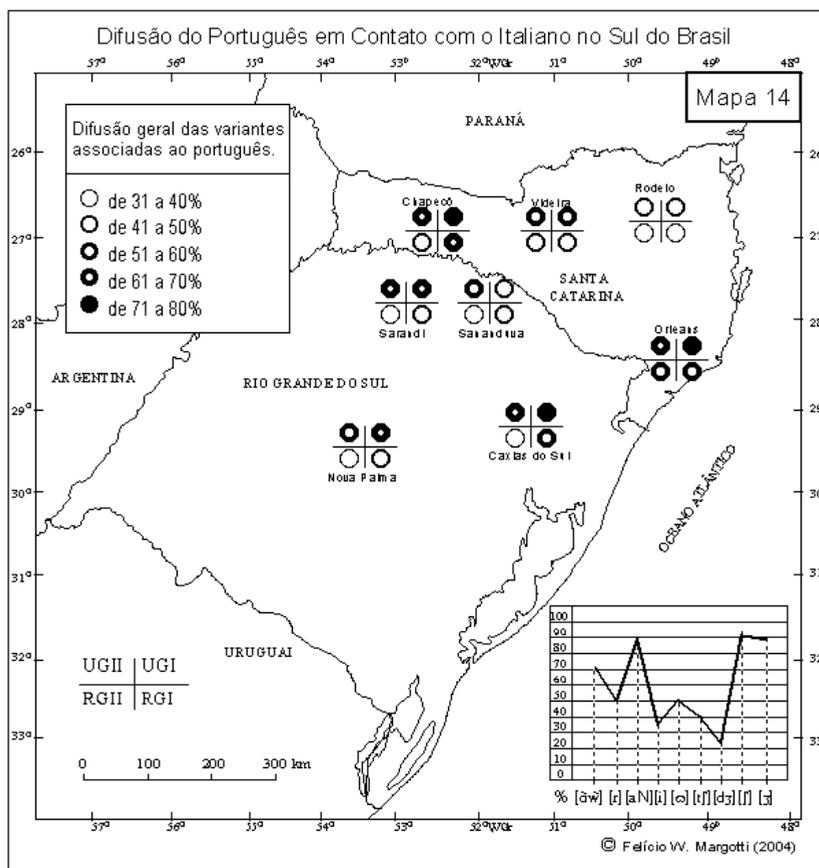
No município de Vargeão/SC, Gubert (2012) obteve 424 dados do ditongo final [-ão], dos quais a variante prototípica do português em relação à idade dos falantes foi a seguinte: de 20 a 35 anos, 90% da variante [-ão]; acima de 45 anos, 60% da variante [-ão]. Ou seja, a variante [-õ], que é associada ao português-*talian* tem alguma vitalidade entre os mais velhos, mas seu uso é reduzido entre os mais jovens.

Além do uso variável dos róticos e do ditongo nasal [-ão], outras variantes fonético-fonológicas associadas ao português de contato com o italiano costumam ser apontadas: ausência de alçamento das vogais átonas finais /e/ e /o/; alternância de [ʃ] com [ʒ] e de [ʒ] com [z]; realização de vogal [a] oral em contextos seguidos de consoante nasal; ausência de palatalização das consoantes /t/ e /d/ quando seguidas de /i/.

A carta linguística da Figura 4, elaborada por Margotti (2004), indica a intensidade e os percentuais de uso das seis variantes fonético-fonológicas às quais se fez referência acima. Através de uma escala percentual com degraus que se alteram a cada dez pontos, a legenda do mapa associa o grau de difusão dos traços associados ao português aos símbolos, os quais representam a difusão no plano diatópico: quando mais hachurado estiver o símbolo, maior o grau de difusão. Em sentido oposto, quanto menos preenchido estiver o símbolo, maior o percentual de variantes influenciadas pelo contato com o italiano. As localidades em que isso ocorre mais intensamente foram Rodeio/SC e Sananduva/RS, municípios em que se falam os dialetos trentino e vêneto, respectivamente, inclusive no meio social. Em sentido oposto, em Orleans e Chapecó, ambos em Santa Catarina, o uso de variantes [+] italianas é bastante reduzido. Em geral, quanto à idade dos falantes, na fala

dos mais jovens as variantes de contato são quase ausentes, embora ainda se mantenham com relativa vitalidade entre os jovens rurais e bilíngues.

Figura 4 – Difusão de variantes fonético-fonológicas no português de contato com o italiano na Região Sul do Brasil



Fonte: MARGOTTI (2004), p. 208.

A carta também sinaliza que entre os ítalo-brasileiros as variantes fonético-fonológicas mais associadas ao português-*talian* são, por ordem decrescente: a ausência de palatalização do /d/ e do /t/ seguidos de [i]; o não alçamento de /e/ e de /o/ átonos finais. Ao contrário, as menos associadas são a redução do ditongo nasal [-ão], a desnalização da

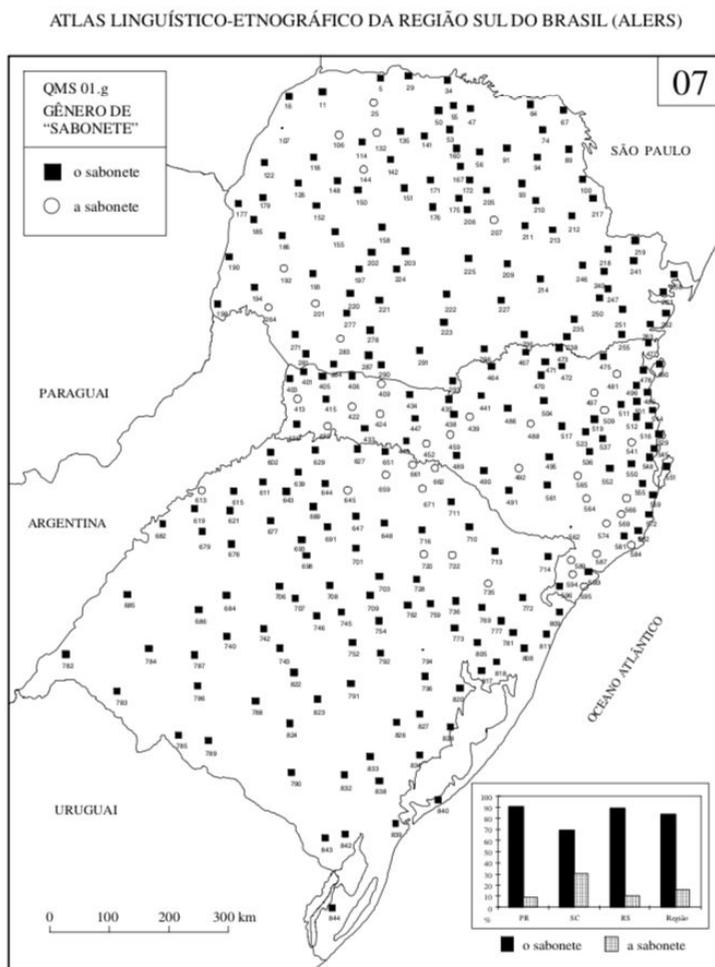
vogal /a/ seguida de consoante nasal e a ausência da palatização de /s/ e /z/ em coda silábica.

3.2 Indicadores morfossintáticos

No nível morfológico, uma das contribuições mais perceptíveis para a formação do português-*talian* é a incorporação de sufixos, tais como: *-eta* (bragueta, porteta, caseta, carreta), *-eto* (mureto, aceto), *-ete* (escarpete, filete), *-ito* (gambito), *-ela* (mortadela, bagatela), *-elo* (bambinelo, farelo), *-ola* (caçarola, barcarola), *-esco* (dantesco, afresco), *-ano* (milano, soprano), *-ina* (poverina, polentinha, cantina, gelatina), *-ino* (bambino, travertino), *-one* (canelone, tetone, provolone, pimentone), *ifício* (panifício, lanifício), *-ucia* (Mariúcia, Catiúcia).

Outro aspecto a ser considerado é que a atribuição de gênero gramatical na língua italiana, assim como em outras línguas de imigração, nem sempre coincide com o gênero gramatical atribuído na língua portuguesa. É o caso, por exemplo, de *sabonete*, que em português pertence ao gênero masculino (o sabonete), e em italiano pertence ao gênero feminino (la saponetta). Isso explica o que revela o Mapa 07 do ALERS (Figura 5), uma vez que em áreas de assentamento original de imigrantes italianos, bem como em espaços para onde seus descendentes migraram, constata-se a atribuição de gênero gramatical feminino para a palavra *sabonete*.

Figura 5 – Atribuição de gênero gramatical ao vocábulo *sabonete* na Região Sul do Brasil



Fonte: ALERS, 2011, v. 1, p. 299

De acordo com a Figura 5, a atribuição de gênero feminino ao vocábulo *sabonete* ocorre em 10 pontos do Rio Grande do Sul (serra gaúcha e região norte), em 24 pontos de Santa Catarina (em todas as regiões, exceto em áreas de ocupação açoriana, no litoral, e em área de influência paulista, no planalto norte) e em 9 pontos do Paraná (alguns no sudoeste,

que é área de deslocamento de populações vindas do sul, e no norte, que é área de deslocamento de paulistas).

3.3 Indicadores semântico-lexicais

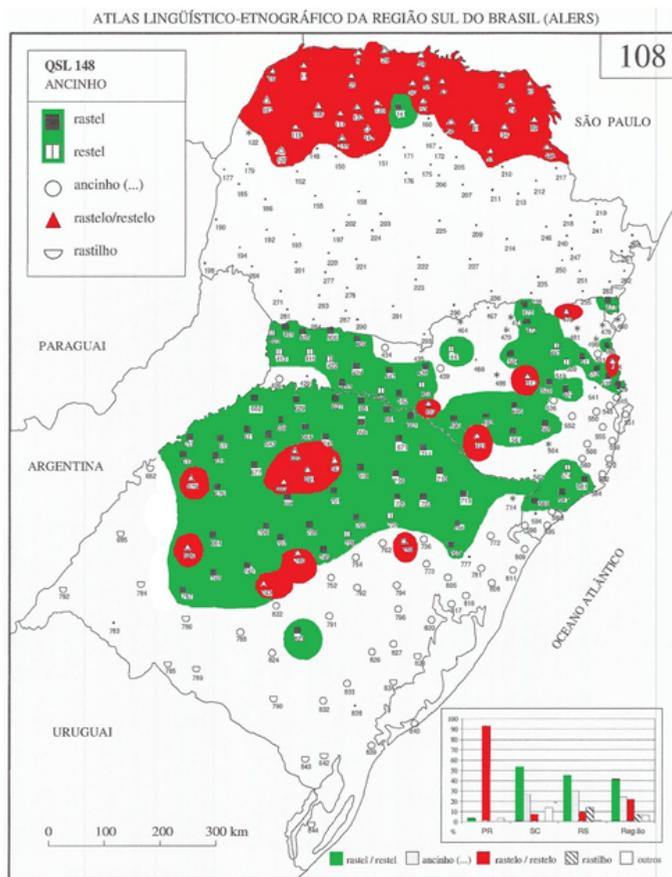
O contato do português com as línguas dos imigrantes, dos indígenas, dos africanos e, ao longo das fronteiras, com o espanhol não só trouxe mudanças nessas línguas, mas também modificou o português brasileiro, tanto nos distintos níveis da gramática quanto no léxico.

Essas mudanças fizeram com que o português brasileiro fosse se dialetando em comparação ao português europeu, em todos os aspectos. No léxico, em particular, essas diferenças são expressivas principalmente devido à incorporação de sufixos e empréstimos de palavras.

Alguns desses empréstimos lexicais são provenientes do contato com a língua italiana, entre os quais citam-se: *rastelo* ou *restelo*, *restel*, *rastel* (it. *rastrello*) para “ancinho”; *agnolini* (it. *agnolini*), ou *capeleti* (it. *cappelletti*) para “sopa feita com massa em forma de chapéu recheada com carne”; *nono* (it. *nono*) para “avô”; *sagra* (vên. *sacra*) para “festa da padroeira”; *filó* (vên. *filó*) para “festa familiar ou com vizinhos”; *brodo* (vên. *brodo*) para “caldo de galinha gorda com água e sal”; *tifa* (vên. *tifa*) para “lugar retirado, no final de um caminho, ao pé de uma montanha”; *minestra* (it. e vên. *minestra*) para “sopa de feijão com arroz ou com massas”; *fortaia* (vên. *fortaia*) para “ovos mexidos com queijo e salame”; *polenta* (it. *polenta*) para “massa feita com farinha de milho, fubá”; *formagio* ou *formai* (vên. *formagio*) para “queijo”; *puina* (vên. *puina*) para “laticínio caseoso separado do soro”, ou “ricota”; *bòcia* (do vên. *sbòcia*, it. *bocce*) para “bocha, que vem a ser um jogo com bolas de madeira ou outros materiais resistentes e que se joga com as mãos”; *brócolis* (it. *broccolo*) para “crista florida de um repolho”; *radicha* (vên. *radichi*) para “tipo de chicória”, *grostoli* (vên. *crostoli*) para *massa* também denominada “cueca virada”, “orelha de gato”, “cavaquinho”, entre outras formas.

Como exemplo de difusão de palavras emprestadas do italiano, o Mapa 108 do ALERS (Figura 6), que apresenta as variantes para “um instrumento de cabo longo e com uma travessa dentada na ponta, que serve para juntar folhas secas ou sujeira”, revela alta incidência de *restel/rastel* e *rastelo/restelo* em toda a Região Sul.

Figura 6 – Produtividade de *restel/rastel* e *rastelo/restelo* na Região Sul do Brasil



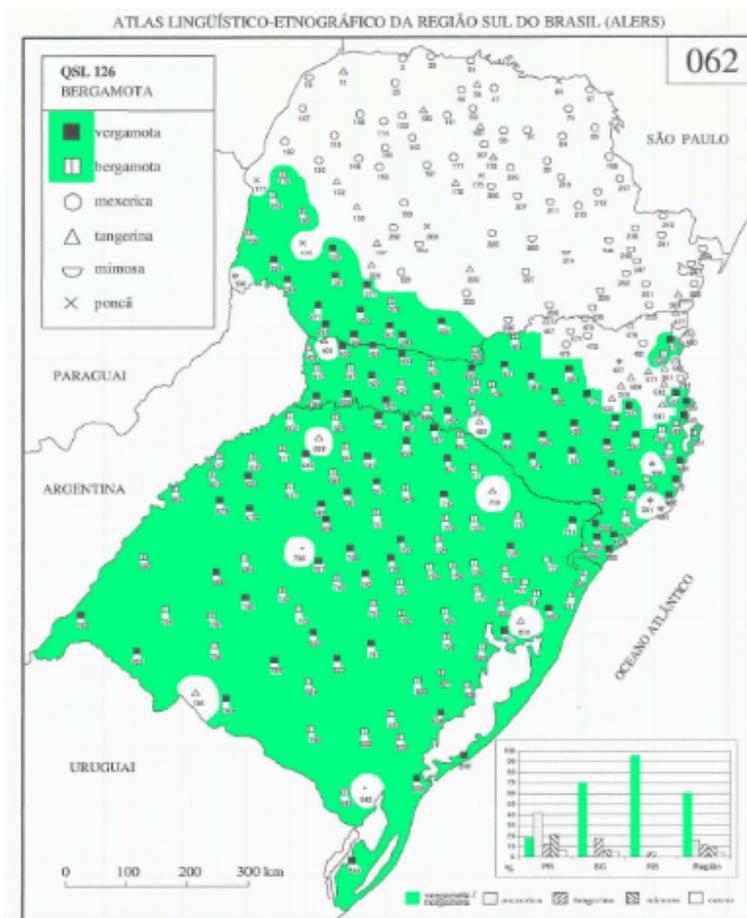
Fonte: TRAINOTTI; MARGOTTI, 2008, p. 272, apud ALERS, v. 2, 2011).

As formas *rastelo* e variantes *restelo*, *rastel*, *restel* são empréstimos do italiano *rastrello*; ocorrem, predominantemente, em espaços geográficos de colonização italiana. Boso (2002, p. 139), com base no dicionário Garzanti Linguística (2008), informa que *restel* é proveniente dos dialetos Rovereto e Vigolo Vattaro, e *restelo*, do dialeto da Valsugana: ou seja, dialetos da região do Trentino, na Itália, de onde partiram muitos emigrantes que se fixaram no Sul do Brasil, São Paulo e Espírito Santo.

No Rio Grande do Sul e em Santa Catarina – nas áreas de colonização italiana e adjacências, tendo em vista a expansão por meio de migrações internas, incluindo o sudoeste do Paraná, prevalecem as formas *rastel* e *restel*, mas ao norte do Paraná, área de expansão agrícola de populações paulistas, as formas documentadas foram *rastelo* e *restelo*.

Outro empréstimo lexical do italiano é *bergamota/vergamota*, cuja difusão na Região Sul foi documentada pelo ALERS, conforme Figura 7, por meio da pergunta do QSL 126: “[...] fruta menor que a laranja, que se descasca com a mão?”

Figura 7 – Produtividade de *bergamota/vergamota* na Região Sul



Fonte: ALERS, 2011, v. 2, p. 201 [adaptado].

Conforme consta no *Dicionário Garzanti Linguística*, *bergamotta* é “fruta (laranja, limão, cedro, toranja, bergamota etc.) rica em vitaminas e óleos essenciais, com sabor ácido característico”. *Bergamota* provém do turco *beg-armūdi* ‘*pero*. Rocha (2008) presume que, na Região Sul do Brasil, a incorporação dessa palavra ao português ocorreu em função do contato com a língua dos imigrantes italianos, além da possibilidade do contato com a língua hispânica nas fronteiras, considerando que no espanhol também existe a palavra *bergamota*.

No mapa 062 do ALERS (Figura 7), verifica-se que *bergamota/vergamota* são predominantes no Rio Grande do Sul e também em Santa Catarina, exceto no planalto norte e litoral norte deste estado. No Paraná, foram registradas ocorrências dessas variantes lexicais no sudoeste, área de expansão de populações sulistas.

4. Considerações finais

Por meio deste texto, além de resgatar aspectos relevantes do processo de colonização italiana no Brasil e mais especificamente na Região Sul, buscou-se demonstrar que o português em contato com a língua italiana apresenta uma série de traços peculiares que o caracterizam como variedade específica atestada por diversos estudos acadêmicos. Essa variedade do português brasileiro falada em áreas em que os falantes ítalo-brasileiras constituem parte significativa da população se caracteriza por um conjunto de variáveis linguísticas nos diferentes níveis da gramática e do léxico. Essa realidade linguística tem sido evidenciada tanto por estudos sociolinguísticos, quanto por estudos geolinguísticos.

No nível fonético-fonológico, por exemplo, a variedade do português associado ao *Talian* caracteriza-se, sobretudo, pela realização do [R] fraco (*tepe*) em contextos nos quais no português é regra prototípica a realização do [R] forte (vibrante alveolar, velar, uvular ou glotal); pela redução e mudança morfofonêmica do ditongo nasal [-ão] para [-õ]; pela ausência de alçamento das vogais átonas finais /e/ e /o/; pela substituição de [ʃ] por [ɣ] e de [ʒ] por [z]; pela realização de vogal oral [a] em contextos seguidos de consoante nasal; pela ausência de palatalização das consoantes /t/ e /d/ quando seguidas de /i/. Para demonstrar a abrangência diatópica dessas variantes, foram mencionados resultados de diversos estudos e apresentados mapas linguísticos extraídos do *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS* e de outros estudos geossociolinguísticos, como os de Margotti (2004) e Comioto & Margotti (2019).

No nível morfológico, destaca-se o empréstimo de sufixos derivacionais, entre os quais, por exemplo, *-eta* (camiseta, caseta, carreta), *-eto* (aceto), *-ete* (filete), *-ela* (mortadela, bagatela), *-elo* (farelo), *-ola* (caçarola), *-esco* (dantesco, afresco), *-ano* (milano, soprano), *-ina* (polentinha, cantina, gelatina), *-ino* (travertino), *-one* (canelone, provolone). Também há casos de alternância de gênero gramatical, a exemplo da atribuição de feminino para “sabonete”, cuja difusão diatópica se revelou por meio do mapa linguístico do ALERS (2011, v. 1, p. 299). Diversos outros aspectos morfossintáticos ainda podem ser identificados com resultado do contato português-italiano, seja na formação de palavras, seja na flexão nominal e verbal ou no uso dos pronomes. Todavia, poucos estudos são destinados a tais regras variáveis, especialmente porque são menos perceptíveis e, de outra parte, porque é mais difícil de se obter tais dados de forma sistemática e controlada para fins de análise e comparação com outras variantes.

E no nível semântico-lexical, muitos são os empréstimos e os neologismos incorporados ao português brasileiro atribuídos ao contato do português com o italiano. Alguns desses vocábulos têm ampla difusão no português brasileiro, inclusive em região onde não houve o contato interlinguístico, e outros têm uso mais restrito. Diversos itens lexicais emprestados do italiano foram relacionados, a exemplo de *filó*, *minestra*, *fortaia*, *capeleti*, *nono*, *brodo*, *bocha*, *radicha*, *grostoli*. Os mapas do ALERS incluídos no texto revelam a difusão das variantes *rastelo* ou *restelo*, *restel*, *rastel* (it. *rastrello*) para “ancinho” (TRAINOTTI; MARGOTTI, 2008, p. 272) e das variantes *bergamota*/*vergamota* (ALERS, 2011, v. 2, p. 201). Observa-se, então, que *restel* e *rastel* são as formas em uso em áreas do Rio Grande de Sul e de Santa Catarina, onde existe a presença de ítalo-brasileiros, ao passo que as formas *rastelo* ou *restelo* foram documentadas na região do denominado Paraná Moderno, que é área de expansão de paulistas, muitos dos quais de origem italiana. As formas *bergamota*/*vergamota*, por sua vez, têm ampla difusão no território sulista, sobretudo nos espaços mais a oeste, associados à colonização italiana e às áreas de fronteira com países de língua espanhola.

As contribuições da língua dos imigrantes italianos para a formação do português na Região Sul do Brasil vão muito além do que se expôs aqui, e isso tem sido revelado cada vez mais por meio de diferentes estudos geossociolinguísticos. Algumas dessas mudanças haverão de permanecer, outras, eventualmente, terão breve duração, haja vista os progressivos processos de assimilação e substituição linguística no referido espaço do território brasileiro. Embora não seja possível prever a amplitude e o alcance dessas contribuições na linha do tempo futuro, o fato é que, mesmo havendo a supressão do *Talian* como adstrato, ele haverá de se manter como substrato enriquecedor da língua

portuguesa e que caracteriza uma variedade linguística *sui generis* falada em diversas áreas na Região Sul do Brasil.

Referências

- ALERS – ATLAS LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL. Cartas fonéticas e morfossintáticas. ALTENHOFEN, Cléo V.; KLASSMANN, Mário Silfredo et al. 1. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis: Ed. da UFSC; Curitiba: Ed. UFPR, 2002. 2. ed. v. 1. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.
- ALERS – ATLAS LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL. Cartas semântico-lexicais. ALTENHOFEN, Cléo V.; KLASSMANN, Mário Silfredo et al. v. 2. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.
- ALTENHOFEN, Cléo V. Áreas linguísticas do português falado no Sul do Brasil: um balanço das fotografias linguísticas do ALERS. In: VANDRESEN, Paulino. Variação e mudança no português falado da Região Sul. Pelotas: Educat, 2002, p. 115-145.
- ALTENHOFEN, Cléo V. Os contatos linguísticos e seu papel na realização do português falado no sul do Brasil. In: ELIZAINCÍN, Adolfo; ESPIGA, Jorge (Orgs.). Español y português: fronteiras e contatos. Pelotas: UCPEL, 2008, p. 129-164.
- ALTENHOFEN, Cléo V.; MARGOTTI, Felício. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo; RASO, Tommaso (Orgs.). Os contatos linguísticos no Brasil. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. 482 p.
- ALTENHOFEN, Cléo V.; THUN, Harald. As migrações e os contatos linguísticos na geografia linguística do Sul do Brasil e Bacia do Prata. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; ROMANO, Valter Pereira. A geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados. Londrina: EDUEL, 2016, p. 371-392.
- BOSO, Ivete. Noi altre che parlen tuti em talian - dialetti trentini in Brasile. Trento: Museo Storico di Trento, 2002.
- BUNSE, H. A. W. Dialetos italianos no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS, 1975.
- BUNSE, H. A. W. O vinhateiro: estudo etnográfico-linguístico sobre o colono italiano no RS. Porto Alegre: UFRGS/IEL/DAC/SEC, 1978.

- CAMARA JR., J. M. Estrutura da língua portuguesa. Petrópolis: Vozes, 1970.
- COMIOTTO, Ariela Fátima; MARGOTTI, Felício Wessling. Uso dos róticos do português em contato com os dialetos italianos. *Revista Acta Scientiarum. Language and Culture*, v. 41, e48857, 2019, p. 3-9.
- DICIONÁRIO GARZANTI LINGUÍSTICA. Disponível em: <https://www.garzantilinguistica.it/>. Acesso em: 13 de set. de 2021.
- DE BONI, L. A.; COSTA, R. Os italianos do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia de São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul; Correio Riograndense, 1984.
- FROSI, Vitalina M.; MIORANZA, Ciro. Dialetos italianos: um perfil linguístico dos ítalo-brasileiros do nordeste do Rio Grande do Sul. Caxias do Sul/RS: EDUCS, 1983.
- FROSI, Vitalina M. Provérbios dialetais italianos: uma linguagem em extinção. Porto Alegre: PUC-RS, 1989. Dissertação de Mestrado.
- GUBERT, Antonio Luiz. Influências do taliano no português brasileiro de Vargeão (SC): um estudo sobre variação no nível fonético. Curitiba: UFPR, 2012. Dissertação de Mestrado.
- KOCH, Walter. O povoamento do território e a formação de áreas linguísticas. In: GARTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel (Ed.). Estudos de geolinguística do português americano. Frankfurt a.M.: TFM, 2000, p. 55-69.
- LOGERIAN-PENKAL, Loremi. Língua e cultura taliana no Paraná: ações para salvaguarda da língua de herança. XXXV Encontro Nacional da ANPOLL. Dez. 2020. Encontro Virtual. Disponível em: <https://anpoll.org.br/enanpoll-2020-anais/resumos/digitados/0001/PPT-eposter-trab-aceito-0443-1.pdf>. Acesso em: 16 de ago. de 2021.
- MARGOTTI, Felício Wessling. Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil. Porto Alegre: UFRGS, 2004. 330 p. Tese de doutorado.
- MARGOTTI, Felício Wessling. Português de contato com o italiano no sul do Brasil: crenças e atitudes sobre a fala do colono grosso. In: BENÇAL, Dayme Rosane; COSTA, Daniela de Souza Silva. Estudos linguísticos em foco: perspectivas sincrônica e diacrônica. Londrina: Eduel, 2019. 414 p.
- MARQUARDT, Lia Lourdes. A vibrante no Rio Grande do Sul: uma análise computacional. Porto Alegre: UFRGS, 1977. Dissertação de Mestrado.

- PAVIANI, N. M. S. O pronome ético: uma característica dialetal. Porto Alegre: UFRGS, 1992. Dissertação de Mestrado.
- PONSO, Letícia Cao. A variação do português em contato com o italiano na comunidade bilingue de São Marcos – RS. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Dissertação de Mestrado.
- RADIN, José Carlos. A imigração italiana em Santa Catarina e no Paraná: fontes diplomáticas italianas (1875-1927). Chapecó: UFFS, 2020.
- ROCHA, Patrícia Graciela da. O português de contato com o espanhol no sul do Brasil: empréstimos lexicais. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. Dissertação de Mestrado.
- SANTOS, Roselys Izabel Correa dos. A terra prometida: imigração italiana: mito e realidade. Itajaí/SC: Ed. da UNIVALI, 1999.
- SPESSATTO, Marizete B. Marcas da história: características dialetais dos imigrantes italianos na fala de Chapecó. Florianópolis: UFSC, 2001. Dissertação de Mestrado.
- TOMIELLO, Marciana. A variação do ditongo nasal tônico –ão como prática social no português de São Marcos/RS. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2005. Dissertação de Mestrado.
- TRAINOTTI, K. T.; MARGOTTI, Felício Wessling. Empréstimos lexicais do italiano no português do sul do Brasil e suas implicações em sala de aula. *Linguagens: Revista de Letras, Artes e Comunicação (FURB)*, v. 2, 2008, p. 263-274.